

## MEMÓRIAS DO SABER-FAZER DE MULHERES GUATÓ

FABÍOLA PERES DE SOUZA<sup>1</sup>  
JORGE EREMITES DE OLIVEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>PPGMSPC/UFPel 1 – fabiolaperesdesouza@gmail.com

<sup>2</sup>UFPel- eremites@bol.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Os Guató se reconhecem como os descendentes mais longínquos das populações canoeiras<sup>1</sup> do Pantanal. Esse povo não está organizado em aldeias circulares nem confinado em reservas ou colônias. Pelo contrário, vivem em espaços ocupados por famílias extensas e parentelas. Sob o ritmo das águas, estabeleceram uma dinâmica rede de relações sociais, políticas e de reciprocidade, envolvendo inúmeras atividades, como pesca, caça, coleta, manejo agroflorestal e artesanato.

Além da violência imposta dos primeiros colonizadores, a partir da década de 1920 foram submetidos a um prolongado processo de invisibilidade histórica, construído por meio da noção de “aculturação”, cujo resultado foi a violação de direitos humanos, invasão e expulsão do território, trabalho forçado em fazendas de gado e criação de unidades de conservação (EREMITES DE OLIVEIRA, 2023).

Nesse contexto, as mulheres Guató assumiram um papel central na resistência cultural e na transmissão de saberes ancestrais, verdadeiras guardiãs da memória do grupo.

Nosso objetivo é compreender a história de vida dessas mulheres que levam na memória e no trançado do caule seco da planta aquática de aguapé (*Eichhornia crassipes*) a ciência das mulheres, a resistência e o empoderamento que emergem da produção do artesanato de aguapé símbolo da identidade étnica, elemento de resistência cultural, patrimônio material e imaterial dos Guató, o qual também contribui para a geração de renda das famílias.

Para realizar esta pesquisa, utilizamos os conceitos de memória, patrimônio cultural material e imaterial, identidade étnica e gênero. Pollak (1992), em *Memória e identidade social*, destaca que a memória é um fenômeno coletivo e social, construído no seio do grupo e sujeita a transformações. No caso das Guató, as memórias individuais, transmitidas pela oralidade, desafiam a narrativa hegemônica imposta pelo colonialismo e pelo Estado brasileiro. Nessa perspectiva, dialogamos também com Barth (1976), para quem a identidade étnica é construída na interação e no compartilhamento de valores, não sendo um elemento fixo ou pré-existente, mas um resultado das dinâmicas sociais e culturais que unem o grupo.

No Pantanal onde a natureza dança e a alma se enlaça, nasce a planta aquática de aguapé, o verde brilhante de suas folhas e suas flores azuis-violeta

<sup>1</sup> A canoa de um pau só é o símbolo maior da pesca tradicional, agregando saberes e fazer representados nos diversos objetos utilizados para sua confecção e técnicas adotadas para sua produção. Esse tipo de canoa apresenta-se como alternativa para a pesca dentro da mata em período de cheias do Pantanal, sendo o principal meio de transporte para os Guató, considerados os mais antigos e últimos canoeiros pertencentes aos grupos originários do Pantanal [...] (COSTA, SILVA, 2024, p. 415)

oxigenam as águas e a vida das nossas interlocutoras, pois são elas que transformam a natureza em arte e, ao mesmo tempo, preservam o Pantanal.

Por fim, este é um tema revestido de relevância científica e social. Do ponto de vista social, a pesquisa promoverá uma maior visibilidade às mulheres Guató, às suas histórias de vida, à relação delas com o artesanato de aguapé e suas lutas junto ao povo Guató do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Além disso, a investigação contribuirá para a valorização e preservação dos saberes tradicionais dessas mulheres.

## **2. METODOLOGIA**

Acreditamos que o método etnográfico e entrevistas (história de vida) são os mais adequados para o nosso campo. A pesquisa será com as mulheres Guató que se dedicam a produção do artesanato de aguapé em Corumbá, vamos ao encontro de Dona Catarina Guató, Leonora, Leônida...Conforme a disponibilidade e a relação de confiança e afeto construída com as interlocutoras há como horizonte conhecer a Associação de Artesãs da Barra do São Lourenço. Nas palavras de Cardoso de Oliveira (2000) um “encontro etnográfico” a partir do trabalho do antropólogo que é olhar, ouvir e escrever.

A etnografia é um conjunto de métodos e técnicas que recorrem à observação direta e à participação no cotidiano dos grupos estudados, permitindo a compreensão de suas práticas, significados e modos de vida. Nesse sentido, a etnografia é um processo, pois representa o meio pelo qual a pesquisa é realizada, envolvendo a imersão prolongada do pesquisador no campo, a interação com os interlocutores e a interpretação das realidades culturais. Ao mesmo tempo, a etnografia é também um produto, na medida em que se materializa em descrições, análises e narrativas que apresentam os resultados da investigação. Logo a etnografia é simultaneamente processo e produto.

Para a nossa pesquisa, nos filiamos à delicada definição de Portelli (2016), concebe a história oral como sendo a “arte da escuta”. Conforme Alessandro Portelli ( 2016, p.12) ” [...] a história oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores [...].” Acreditamos, como Paul Thompson (1998, p. 25 ), que “ [...] A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista [...].” Além de ser a arte da escuta e uma ferramenta que permite acompanhar a multiplicidade de pontos de vista.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este estudo tem como objetivos compreender o processo de empoderamento das mulheres Guató a partir da produção e comercialização do artesanato de aguapé, observando-o como prática cultural que se inscreve na memória social, ao mesmo tempo em que reafirma a identidade do grupo. Assim sendo, entre os objetivos da nossa pesquisa estão:

- 1) A análise do processo de empoderamento a partir da produção e comercialização do artesanato de aguapé.
- 2) A descrição e as técnicas de produção do artesanato de aguapé.
- 3) O reconhecimento do artesanato de aguapé como patrimônio cultural e imaterial da população Guató.

4) Levantaremos e estudaremos as memórias femininas associadas à produção do artesanato de aguapé.

5) Identificaremos a relevância das mulheres no processo de promover a visibilidade do grupo;

6) Avaliaremos a contribuição econômica da comercialização do artesanato de aguapé para as famílias.

Dessa forma, o nosso trabalho pretende contribuir para a valorização e preservação dos saberes tradicionais dessas mulheres. Logo, a análise da relação entre o trabalho artesanal e a construção da memória feminina permitirá compreender como elas reinterpretam e preservam suas tradições em um contexto de transformações sociais e ambientais.

#### 4. CONCLUSÕES

Embora, a pesquisa esteja em fase inicial podemos antecipar algumas conclusões que esperamos obter. Como enunciado nos objetivos elencados no item 3, prevemos que a etnografia poderá enriquecer detalhes da vivência das Guató com o artesanato, inclusive como forma de compreender as dinâmicas sociais, culturais e econômicas subjacentes à memória social.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, F. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1976. Disponível em: [http://www.iunma.edu.ar/doc/MB/lic\\_historia\\_mat\\_bibliografico/Historia%20Latinoamericana%20General/LAMGen%20Biblio/Barth%20%20Los%20grupos%20%C3%A9tnicos%20y%20sus%20fronteras%20\(completo\).pdf](http://www.iunma.edu.ar/doc/MB/lic_historia_mat_bibliografico/Historia%20Latinoamericana%20General/LAMGen%20Biblio/Barth%20%20Los%20grupos%20%C3%A9tnicos%20y%20sus%20fronteras%20(completo).pdf). Acesso em: 05 fev. 2025.
- SILVA, L. P.; COSTA, M. A. Canoa de um Pau Só, Patrimônio Cultural do Pantanal: Modo de Fazer, Processo de Musealização e Direito de Navegar Sem Medo. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 16, n. 31, p. 412-431, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/26383>. Acesso em: 10 de ago. 2025.
- EREMITES DE O, J. Da invisibilidade à visibilidade da história do povo Guató no Pantanal. **Tellus**, Campo Grande, n 51, p. 161-225, 2023. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/880>. Acesso em: 02 de fev. 2025.
- OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 10 de fev. 2025.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista de Estudos Históricos: Teoria e História**, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20caprar0%202.pdf>
- PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Tradução: Ricardo Santiago, São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,



1992.